APRESENTAÇÃO

A busca da compreensão do fenômeno religioso contemporâneo

Vamos imaginar que um aluno da Educação Básica receba como tarefa fazer uma consulta na rede mundial de computadores (*Internet*) sobre a seguinte temática: neve. Ao consultar os sites de busca, descobre, além das informações solicitadas pela escola, o site de uma igreja evangélica denominada *Igreja Bola de Neve* (www.boladenevechurch.com.br). Ali não encontrará, de fato, informações sobre o tema inicial, mas, sem dúvida, ao abrir o site da dita igreja algo poderá lhe chamar a atenção: uma página colorida com a imagem de uma onda ao fundo e uma garota segurando uma prancha de surf. Ao abrir o *site* uma *vinheta* anuncia: *atenção galera ligada em Jesus para o toque de sete segundos*. Após o tempo determinado, anuncia-se a atração que será iniciada. O navegante poderá também obter inúmeras informações e interagir nos *links* postos ao lado, com os seguintes temas: *home*, *quem somos*, *onde estamos*, *células*, *news*, *pregações*, *clippings*, *mensagens*, *ministérios*, *cifras*, *bolinha de neve*, *loja virtual*, *games*, *fotos*, *fórum*, *colabore*, *Bíblia on-line*, *fale conosco*.

A página superficialmente descrita pertence à citada denominação neopentecostal criada em 2000 por um pastor ligado a Igreja Renascer em Cristo, Rinaldo Luís. Essa denominação foca a geração de fiéis que estão na faixa etária entre 20 e 35 anos, sobretudo aquela que compõe o denominado *público alternativo*, composto por universitários, praticantes de esportes radicais e artistas. As informações descritas em relação ao *site* combinam com sua liturgia, caracterizada pelo estilo informal e com pregações e louvores instigados em ritmo de *reggae* e *rock*. O primeiro culto oficial foi realizado no bairro da Lapa, São Paulo, em 6 de janeiro de 2000. Hoje a igreja esta presente em 11 estados e 106 cidades brasileiras. Uma de suas estratégias de expansão são as comunidades em

células, pequenos grupos em reuniões nos lares. A *Igreja Bola de Neve* está presente em países como Peru (Arequipa), Rússia (Moscou), Índia, e com núcleos em Los Angeles e San Diego (Estados Unidos), Sydney (Austrália), Bandar Seri Begawan (Brunei) (http://pt.wikipedia.org/wiki/Bola_de_Neve_Church).

Evidentemente que esta experiência religiosa ainda requer muitas pesquisas. Infelizmente, o leitor ou a leitora não têm neste dossiê uma pesquisa sobre a citada denominação. Isto vale, inclusive, como um promissor tema de pesquisa. Entretanto, a partir das investigações empíricas aqui elencadas e de algumas discussões conceituais e metodológicas, os leitores poderão entender, de forma menos preconceituosa, a constituição do citado fenômeno religioso, considerando-o não como algo exótico, anedótico, mas como algo relacionado às tendências cada vez mais evidentes de adaptação das denominações religiosas à Modernidade.

O conjunto de dez artigos aqui constituído reúne contribuições de pesquisadores de diversas instituições brasileiras. A proposta deste dossiê busca, exatamente, reunir pesquisadores de várias instituições e temáticas, abrangendo sociólogos e antropólogos que atuam no Pará, em Pernambuco, em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Santa Catarina. Apesar de não seguirem um padrão quanto ao formato, os textos contidos neste volume da revista Tomo buscam contribuir com a fecunda discussão teórica contemporânea quanto aos limites das abordagens vinculadas à Sociologia da Secularização, que apontava a relação díspare existente entre a Modernidade e o fenômeno religioso. Cada vez mais, como diria Danièle Hervieu-Lèger, se configura uma "modernidade religiosa".

Dois artigos discutem questões conceituais. O primeiro é o ensaio de Carlos Alberto Sell intitulado *Max Weber e o misticismo oriental*. O autor parte dos estudos históricos de Weber sobre as religiões universais para reconstruir o conceito de misticismo e, em seguida, apresentar a sua análise da mística nas principais religiões universais da Ásia. Sell destaca que o misticismo constitui, para Weber, um dos elementos que define a religiosidade asiática. Tomando como ponto de partida seus estudos de sociologia histórico-comparada das religiões universais, o texto reconstrói a conceituação dada por Weber à categoria típico-ideal de

misticismo, revisando sua análise da mística no contexto das religiões da China (Confucionismo e Taoísmo) e da Índia (Hinduísmo e Budismo). Ao final, o professor destaca o potencial explicativo da análise weberiana do misticismo para a compreensão da religiosidade ocidental contemporânea.

Silas Guerriero, no artigo *Novas configurações das religiões tradicionais: re-significação e influência do universo Nova Era*, analisa as novas configurações das religiões tradicionais brasileiras, principalmente em relação às novas espiritualidades. Guerriero demonstra as diferentes influências sofridas pelas religiões tradicionais na sociedade atual. O autor aponta como as fronteiras são fluidas e as trocas constantes entre as mesmas, sublinhando o fato de que não existem mais religiões intocadas. Todas participam de um jogo constante de trocas, fluxos e intercâmbios culturais. Como demonstrativo, toma-se o exemplo da religiosidade denominada por Nova Era, que ilustra o processo de transformação sofrido pela sociedade ocidental, não apenas no campo religioso, mas na cultura como um todo. Crenças e rituais de religiões tradicionais são incorporados e vivenciados, a partir de novos referenciais centrados na subjetividade.

Em mais um artigo que compõe o dossiê, o autor busca responder uma questão metodológica desafiadora nas ciências sociais: qual o lugar da experiência "mágica, mística, transcendente" vivenciada pelos pesquisadores na etnografia e na teoria antropológica? *Etnografia em grupos religiosos: relativizar o absoluto* de Marcelo Ayres Camurça demonstra que na busca de compreensão da alteridade, muitas vezes o antropólogo "quer arrancar a própria pele" a fim de entrar na dos "nativos" para decifrar "desde dentro" a lógica interna deste Outro. Todavia, quando se trata das *crenças* nativas, a recepção destas pelo antropólogo se dá tomando-as como *metáforas* de uma interpretação que via de regra é externa à "crença em si", situando-as nas esferas do social, cultural, da estrutura cognitiva etc. Assim, um dilema de pronto se apresenta, na medida em que a prática antropológica *relativiza* aquilo que é vivido como *absoluto* pelos crentes. No entanto, em muitos momentos, o antropólogo surpreende-se vivenciando também a "experiência religiosa" destes "nativos".

Os artigos subseqüentes também enfocam, em sua multiplicidade temática, propostas instigantes para a pesquisa sociológica do fenômeno religioso contemporâneo. O texto *Novos Movimentos Eclesiais e a ética familiar católica: uma nova cristandade?* de Heraldo Maués, analisa o papel dos NMEs - tomando como exemplos a Renovação Carismática Católica, o Movimento dos Focolares e o Encontro de Casais com Cristo. Maués destaca-os como um esforço de afirmação de valores morais ligados à família tradicional, pensada dentro de certo ideal cristão conservador e tradicionalista. Além disso, associa-os ao reforço das práticas disciplinares como o celibato clerical, a não ordenação de mulheres e a limitação do papel dos leigos na colaboração que exercem no tocante ao ministério sacerdotal.

Os jovens católicos, pentecostais e sem-religião da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro são investigados pela socióloga Sílvia Regina Alves Fernandes no artigo *Juventude nas Igrejas e fora delas: crenças, percepções da política e (des) vinculações*. A autora, através da análise de dados primários de um survey, traça um perfil de jovens que freqüentam Igrejas, observando as tendências relacionadas às formas de pertencimento religioso e participação sociopolítica que os distinguem. Os resultados mostram que há fluidez nas crenças de ambos os grupos e que os jovens católicos, quando comparados aos pentecostais, apresentam maior engajamento sociopolítico e também maior interesse na atuação em atividades nesse campo. O texto traz ainda um breve retrato de jovens sem-religião que atuam como grupo de controle na pesquisa em questão.

As faces economicamente opostas do cristianismo no Brasil de André Ricardo de Souza trata do desenvolvimento e das implicações de dois modelos de comportamento econômico opostos, presentes em certas igrejas e entidades religiosas: o empreendedorismo liberal e a economia solidária. O autor parte do pressuposto de que a religiosidade permanece um fator considerável na compreensão da sociedade brasileira, com destaque para o cristianismo. Somados, os adeptos das denominações cristãs compõem cerca de 90% da população nacional. A despeito do inexorável processo de secularização, a influência religiosa, cristã no caso, se dá não só no âmbito da cultura e dos

costumes individuais, mas também em termos institucionais, de organização econômica e também política.

A presença dos carismáticos na universidade e na política é tema do artigo de Carlos Eduardo Pinto Procópio. O pesquisador demonstra que quando se inserem na universidade, os carismáticos procuram demarcar um espaço religioso desenvolvendo uma ação evangelizadora. Por outro lado, quando se inserem na política, percebe-se que se diferenciam de um modelo de engajamento puramente militante, acionando dispositivos contemporâneos de participação política, como a *internet* e a judicialização da política. Dessa forma, ao transmitirem suas crenças e convicções religiosas através desses mecanismos de participação, mais do que enfatizar um discurso puramente proselitista, apontam mais para uma recomposição do religioso, que passa a ganhar novos contornos.

A presença de agentes religiosos na mídia é tematizada no artigo *Um show destinado às massas: uma reflexão sobre o entretenimento religioso na esfera midiática*, de autoria de Karla Regina Macêna Pereira Patriota. A autora explana como a religião, veiculada na mídia, está sendo articulada na contemporaneidade com um fenômeno espetacular moderno. Averigua que, inseridas na sociedade do espetáculo, as práticas religiosas, dentro e fora dos templos, se mostram cada vez mais teatralizadas na medida em que, influenciadas pela mídia, são estruturadas segundo as regras próprias do *show business* e da indústria do entretenimento.

A complexa relação entre diversidade sexual e redes religiosas evangélicas é analisada por Marcelo Tavares Natividade e Leandro de Oliveira no artigo "Nós acolhemos os homossexuais": homofobia pastoral e regulação da sexualidade. Os pesquisadores refletem, particularmente, sobre formas de regulação da sexualidade que transparecem nos discursos sobre o "acolhimento" aos homossexuais entre certas correntes e denominações. A análise se debruça sobre documentos coletados em um monitoramento de sites de *internet*, incluindo materiais veiculados por ministérios de "ajuda" para "sair da homossexualidade", testemunhos e interação em fóruns virtuais. Os autores argumentam que este aparato regulatório, que se manifesta por uma atitude de cuidado para com o outro, visa à supressão da diversidade na

esfera da sexualidade e do gênero, podendo desde modo ser qualificado como uma forma velada e insidiosa de homofobia.

O dossiê é finalizado com o instigante artigo "Da macumba às campanhas de cura e libertação: a fé dos traficantes de drogas em favelas no Rio de Janeiro", de Christina Vital da Cunha. Neste se discute os impactos do crescimento pentecostal nas favelas do Rio de Janeiro, a partir da análise do caso dos "traficantes evangélicos". A pesquisadora analisa a passagem da expressão de fé dos traficantes de drogas que na década de 1980 aparecia ligada às religiões de matriz africana (umbanda e candomblé) para uma religião exclusivista, doutrinária, de salvação e cura (evangélica pentecostal ou neo-pentecostal). Durante a etnografia realizada no complexo de favelas de Acari, localizada entre bairros da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, foi observado o consumo de produtos gospel pelos traficantes, (assim como) a utilização de uma "gramática pentecostal" em seu dia a dia, a freqüência a cultos evangélicos, a aproximação da "comunidade de irmãos" e a participação em campanhas de cura e libertação do Mal. Conclui-se que essa passagem na expressão de fé dos traficantes de drogas ocasionou mudanças tanto no campo religioso, quanto no campo político local.

Como os leitores terão oportunidade de testemunhar, o conjunto de artigos veiculados neste dossiê expressa momentos instigantes da pesquisa social relacionada ao fenômeno religioso, sobretudo acerca do campo religioso brasileiro. Se juntarmos a isto a variedade dos percursos teóricos e metodológicos trilhados pelos autores, teremos um retrato com bastante nitidez do que estamos desenvolvendo nessa área de pesquisa no Brasil dos dias que correm. Portanto, vamos à leitura.

José Rodorval Ramalho
Péricles Andrade